

Lautréamont Austral: Percalços de um livro

174



Leyla Perrone-Moisés¹

Não é raro que um autor encontre dificuldades para publicar um ensaio literário em forma de livro. Entretanto, é surpreendente que essas dificuldades estejam ligadas não apenas a circunstâncias editoriais, mas decorram, indiretamente, de grandes problemas políticos como

¹ Professora emérita da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

a Guerra Fria, o enfrentamento entre liberais e marxistas, as ditaduras latino-americanas, os diversos tipos de nacionalismos; e que impliquem intelectuais renomados como Octavio Paz e Maurice Nadeau, além de pequenas disputas parisienses entre especialistas “oficiais” e “não-oficiais” de um escritor francês do século XIX.

Este foi o caso do livro *Lautréamont austral*, escrito por mim e por Emir Rodríguez Monegal, entre 1980 a 1985 e publicado em 1995 (Montevideo: Ediciones Brecha). Nos dez anos entre a morte de Monegal e a publicação do livro, batalhei sozinha para que ele fosse publicado em espanhol, e depois mais cinco anos até que ele saísse em francês². Nesse período de quinze anos acumulei uma enorme correspondência com editores de vários países e com críticos especialistas de Lautréamont, cujo interesse ultrapassa o campo especificamente literário e revela o funcionamento de diferentes ideologias no campo editorial hispânico e francês, além da interferência de brigas pessoais e da busca por promoções individuais no mundo aparentemente autônomo da crítica literária. Tudo isso é agora legível no dossiê que constituí ao longo desses anos.

O livro, em princípio, não era polêmico. É um livro de dimensões modestas (pouco mais de 100 páginas) que pretendia demonstrar os seguintes pontos, até então inéditos na crítica do poeta franco-uruguaio: 1) Isidore Ducasse (nome verdadeiro do Conde de Lautréamont) era bilíngue. 2) O espanhol não era para ele apenas uma língua de comunicação, mas também de cultura. 3) O barroco espanhol do século XVII exerceu influência sobre o autor dos *Chants de Maldoror*, ocasionando em sua obra estranhezas que seduziram os surrealistas franceses, seus “descobridores” e promotores.

O ponto de partida de nosso trabalho foi uma inscrição manuscrita de Ducasse em espanhol, num exemplar da *Ilíada* traduzida na Espanha no século XIX pelo retórico José Gómez de Herosilla. O livro pertencente ao jovem Isidore (que na inscrição se autodenomina *Isidoro*) foi encontrado na França por Jacques Lefrère, que revelou o achado no livro *Le visage de Lautréamont*, em 1977 (Paris: Pierre Horay Éditeurs)³. Em razão das poucas fontes biográficas relativas à

2 As capas das diferentes edições do livro no mundo podem ser vistas no final deste artigo [N. do E.]

3 A inscrição é a seguinte: “*Propriedad del señor Isidoro Ducasse nacido en Montevideo*

Isidore Ducasse (um atestado de nascimento em Montevidéu e um atestado de óbito em Paris, breves registros de sua passagem pelos liceus de Pau e de Tarbes, meia-dúzia de cartas), o achado de Lefrère era importantíssimo, mas o pesquisador não tinha condições de avaliá-lo, por desconhecimento da língua e da cultura espanhola.

Meu encontro com o professor e crítico uruguaio Emir Rodríguez Monegal, em 1980, na Yale University, permitiu-nos ver que aquela breve anotação de Ducasse era uma cornucópia de informações relevantes. Eu era uma estudiosa de Lautréamont, tinha defendido uma tese sobre ele (*Falência da crítica. Um caso limite Lautréamont*. São Paulo: Perspectiva, 1973), publicada no Brasil e na França (*Les Chants de Maldoror*. Paris: Hachette, Col. Poche Critique, 1975). Entre muitas outras coisas, Monegal era um especialista em retóricas hispânicas do século XIX e, como tal, conhecia bem aquele então obscuro manual intitulado *Arte de hablar* que, em sua anotação, Ducasse dizia possuir. Juntando meu conhecimento do texto e da fortuna crítica de Lautréamont com a erudição de Monegal, pudemos destrinchar vários enigmas relativos ao poeta: seus erros de francês que nada mais eram do que hispanismos de um bilíngue; seu conhecimento do barroco espanhol pelos numerosos exemplos fornecidos (e condenados) pelo retórico Hermosilla; a influência de Homero oriunda de uma tradução espanhola, mais crua e violenta do que as traduções francesas da época.

Juntos, escrevemos então o artigo “Lautréamont et la rhétorique espagnole”, publicado pela revista parisiense *Poétique* (n° 55), em 1983. No mesmo ano, publicamos o mesmo artigo na revista mexicana *Vuelta*, (n° 70-80), sob o título “Lautréamont español”, e em 1984, na revista uruguaia *Maldoror* (n° 17-18), sob o título “Lautréamont y la retórica española”.

Como continuávamos encontrando novas pistas para a leitura de Lautréamont, decidimos ampliar nosso estudo em forma de livro, o que fizemos de 1983 a 1985, por meio de cartas e breves reencontros nos Estados Unidos e no Brasil. Entusiasmado, o escritor cubano Severo Sarduy ofereceu-se para acrescentar um capítulo sobre Lautréamont e o barroco espanhol, que Monegal e eu aceitamos com alegria.

(Uruguay). *Tengo también ‘Arte de Hablar’ del mismo autor. 14 abril 1863*” (sic para os erros de espanhol).

E aqui começaram os percalços de toda ordem. Em 1985, Monegal foi acometido de um câncer devastador. Redigiu seus capítulos do livro num leito de hospital, e me mandava os textos pelo correio. Esses originais são verdadeiros palimpsestos, tão numerosos são neles os cortes, as reescrituras e as notas, que pela impossibilidade de acesso à sua vasta biblioteca tiveram de ser completadas mais tarde por mim. Meu amigo e co-autor faleceu em New Haven, em novembro daquele ano. Em 1986, consegui dar uma forma final ao nosso livro.

Problemas da edição em espanhol

Lautréamont austral foi, assim, a última obra de Monegal. O crítico morreu convencido de que a publicação do livro estava garantida, em espanhol pela editora Vuelta de seu amigo Octavio Paz, e em francês pela editora Seuil, como lhe haviam assegurado François Wahl e Severo Sarduy. Nenhum dos projetos se realizou.

Em 1985, conversei sobre o assunto com Octavio Paz, na casa de Celso Lafer, em São Paulo. Ele manifestou seu grande interesse por nosso trabalho e confirmou que publicaria o livro por sua editora. Em julho de 1987, recebi uma carta de Enrique Kraus, subdiretor de Vuelta, que dizia:

Ha sido una sorpresa estupenda la noticia de su libro, suyo y de nuestro Emir sobre Lautréamont español. Aquellos ensayos em Vuelta fueron todo un éxito. Estamos en disposición de publicar el libro en el año que entra. ¿Por qué no nos envia una copia? Al recibirla formalizaremos el acuerdo.

Octavio y todo Vuelta le enviamos un saludo muy afectuoso.

Enviei-lhe os originais e, nos meses seguintes, não recebi nenhuma resposta. Em abril de 1988, Aurélio Asiain me escreveu pedindo desculpas pela demora, dizendo que já haviam iniciado a tradução de meus capítulos (redigidos originalmente em francês), que Krause se encontrava fora do México e, quando ele voltasse, me enviariam o contrato de edição. Nos meses seguintes, não recebi mais notícias de Vuelta. Em janeiro de 1989, comuniquéi essa situação a Severo Sarduy, que enviou um telegrama a Asiain e me deu uma cópia:

QUISIERA TENER NOTICIAS DEL LIBRO POSTHUMO DE EMIR RODRIGUEZ MONEGAL EN EL CUAL SEGUN VOLUNTAD DE EMIR TERMINE UN CAPITULO. ¿PIENSAS PUBLICARLO? HAY SERIAS POSIBILIDADES DE PUBLICACION EN FRANCES. ABRAZOS. SEVERO SARDUY / ED. DU SEUIL

Nunca soube se Asiain respondeu a Severo. Eu estava ocupada com muitos outros projetos e antes da internet as comunicações eram lentas e trabalhosas.

Em 1990, Paz recebeu o Prêmio Nobel, e eu já não ousava incomodá-lo pedindo notícias do livro. Comecei então uma peregrinação epistolar por outras editoras hispânicas, recomendadas por amigos⁴. Depois de ser recusado, em 1986, pela Editora XYZ de Montevideú, o livro também passou, no início da década de 1990, pelas Ediciones Cátedra de Madri, Legasa de Buenos Aires, Nordman e Linardi de Montevideú, recebendo outras recusas ou o silêncio.

Por que era tão difícil publicar um livro de Monegal? Monegal, como Octavio Paz, mas com menos cacife do que este, era um autor contestado politicamente por ser um liberal democrata, quando a maior parte da intelectualidade latino-americana era de esquerda. A má fama de Monegal entre os marxistas vinha desde a década de 1960, quando ele dirigiu a revista *Mundo Nuevo* em Paris, patrocinada pelo Congresso pela Liberdade da Cultura.

Os objetivos da revista tinham sido assim apresentados;

*Mundo Nuevo no se someterá a las reglas de un juego anacrónico que ha pretendido reducir toda la cultura latinoamericana a la oposición de dos bandos inconciliables y que ha impedido la fecunda circulación de las ideas y puntos de vista contrarios. ("Presentación". In: *Mundo Nuevo* 1. Paris, 1966, p. 1)*

Tal neutralidade era, naquele momento, impossível. Os primeiros ataques vieram de Cuba, pela voz de Roberto Fernández Retamar. Em 1967, *Mundo Nuevo* foi denunciada no *New York Times* como sendo financiada sub-repticiamente pela CIA, para cooptar escritores latino-americanos⁵. Monegal alegou ter sido enganado e respondeu:

4 Entre eles Jorge Schwartz, Saul Sosnowski e Carlos Pellegrino.

5 Existe vasta documentação sobre o assunto, inclusive vários livros recentes. Ver artigo "A CIA financiou revistas culturais no mundo no século 20", de Sérgio Augusto, em *O Estado de*

*Ante este hecho, Mundo Nuevo expresa la más enérgica condenación. Porque no se trata solo que la CIA haya engañado a tanto escritor independiente, se trata, sobretudo, que ha engañado a quienes habían demostrado su independencia frente al fascismo y al stalinismo. (“La CIA y los intelectuales”. In: *Mundo Nuevo* 13, Paris, 1967, p. 1)*

Monegal deixou então a direção da revista, que se tornou abertamente anticomunista. Bem ou mal, *Mundo nuevo* deu grande impulso ao “boom da literatura latino-americana”, publicando escritores de diversos matizes políticos. Neruda, Carlos Fuentes, Roa Bastos, García Márquez, Vargas Llosa, Puig, Cabrera Infante e outros passaram pela revista. Sobre os acontecimentos políticos, *Mundo Nuevo* também se mostrava relativamente independente: condenou a ocupação norte-americana de San Domingo, a guerra do Vietnã, os golpes militares no Brasil e na Argentina, o que fez com que a revista fosse proibida no Brasil, na Argentina e na Espanha, assim como fora em Cuba.

Pessoalmente, Monegal sofreu a perseguição da ditadura militar uruguaia, que não renovava seu passaporte, e tinha uma filha ex-guerrilheira “tupamaro” exilada na Suécia. Eram tempos politicamente mais complexos do que a simples oposição esquerda X direita. Dentro desse contexto internacional, o boicote editorial ao último livro de Monegal é apenas uma gota d’água. A ironia final é que, em 1995, finalmente consegui publicar *Lautréamont austral* em espanhol pela Editora Brecha de Montevideu, ligada a um hebdomadário de esquerda que tinha sido vigiado de perto pela ditadura militar uruguaia⁶. *Lautréamont austral* não tinha nada a ver com política. Os únicos acontecimentos políticos ali referidos são a Guerra de Tróia (entre 1.300 e 1.200 AC) a Guerra do Prata ou *Guerra Grande* (1851-52).

Problemas da edição em francês

O livro teve também de peregrinar por várias editoras francesas, agora não tanto por divergências políticas quanto por pequenas brigas

S. Paulo, 01/07/2017.

⁶ A revista *Brecha* substituiu a revista *Marcha*, na qual Monegal havia publicado seus primeiros textos.

peçoais de Saint-Germain-des-Prés, além de inesperadas reações nacionalistas dos leitores das editoras.

Eu tinha chegado à França em 1972 como uma especialista do *Nouveau Roman*. Foi como tal que me aproximei de muitos escritores e intelectuais, entre os quais Philippe Sollers, Julia Kristeva e Marcelin Pleynet, o trio dirigente da revista *Tel Quel*. Minha pesquisa sobre Lautréamont me ligava a eles, pois os três eram, então, os mais competentes críticos do poeta⁷.

Meus desentendimentos com Sollers começaram por razões políticas. Ao longo dos anos, Sollers tem sido um cata-vento em matéria de política. Oriundo de um ambiente católico de direita, tornou-se comunista em maio de 1968, maoísta na década de 70, entusiasta dos Estados Unidos na década de 80, do Vaticano (João Paulo II) na década de 90, *and so on*. Quando eu frequentei o grupo *Tel Quel*, Sollers era maoísta e, como tal, seu inimigo principal era o comunismo soviético.

Em 1973, quando ocorreu o golpe no Chile, eu estava na França, e chocou-me o tom sarcástico com que ele se referia ao “*camarade Allende*”. Como maoísta, Sollers via com maus olhos os socialismos latino-americanos apoiados pela União Soviética. Note-se que a China foi o primeiro país a reconhecer o governo Pinochet. Mesmo assim, continuei próxima da revista, na qual publiquei um artigo em 1974. Nos anos seguintes, preferi publicar meus artigos na revista *Poétique*, mais acadêmica e mais séria. Em 1983, a revista *Tel Quel* foi substituída pela revista *L’Infini*, passando da editora Seuil para a Gallimard. Incomodada com o elogio dos Estados Unidos como “Davi” ameaçado pelo “Golias” do terceiro mundo (!), recusei um artigo solicitado por Sollers para a nova revista⁸. Perdi então as boas graças do escritor que, com sua trajetória sinuosa, continuou tendo grande poder editorial e midiático na paróquia de Saint-Germain-des-Prés. O preço a pagar por isso dura até os dias de hoje, como se verá.

Em 1986, recebi o texto escrito por Severo Sarduy para o livro, acompanhado da seguinte carta:

7 Minha tese de doutorado, então inédita, é citada na Bibliografia de *La révolution du langage poétique*, de Kristeva (Paris: Seuil, Col. Tel Quel, 1974).

8 Mais detalhes sobre esse assunto se encontram na entrevista que dei em 2000 a Jorge Wolff, autor de *Telquelismos latinoamericanos* (Buenos Aires: Editorial Grumo, 2009). A versão em português saiu pela editora Papeis Selvagens (Rio de Janeiro, 2016).

Querida Leyla: aquí va pues este discreto homenaje a Emir, a nuestro siempre presente amigo y maestro, pero también, hay que decirlo, a tí, por la fidelidad que has conservado en ese trabajo y a lo largo de todo el tiempo. Espero que te guste. Tardé mucho en redactarlo simplemente porque no quería ser redundante con respecto a lo que dice el propio Emir, ni tampoco utilizar el viejo arsenal de los exégetas franceses recientes, o los tics del telquelismo. Una vez publicado el libro en español, me propongo a presentarlo personalmente a Todorov y Genette, persisto en pensar que es un descubrimiento para Poétique y para Francia. Un abrazo muy grande, Severo.

Quatro anos depois, como eu ainda não conseguira publicar o livro em espanhol, procurei François Wahl para a publicação em francês. Este se mostrou desinteressado, talvez porque já estivesse prestes a deixar a editora Seuil, o que fez em 1991. Em 1992, Severo Sarduy decidiu propor o livro à Gallimard e me garantiu que ele seria aceito. Talvez ele tenha desistido da editora Seuil, que era a sua até então, em virtude da saída de Wahl, seu companheiro.

Na mesma época, o grande editor independente Maurice Nadeau, ao qual eu dedicava imensa admiração e amizade, disse-me que estava disposto a publicar o livro. Colocou-se então, para mim, um dilema ético e afetivo. Severo Sarduy estava então sofrendo com as consequências do vírus HIV e eu não tinha coragem de contrariá-lo nessa que seria uma de suas últimas iniciativas. Expliquei então a situação a Nadeau, recusando seu convite. Severo morreu em junho de 1993 e, com seu falecimento, fecharam-se as portas da Gallimard. Não sei o que ocorreu na editora. Clélia Pisa, que nela trabalhava como leitora, contou-me que tinha tido acesso a pareceres muito favoráveis antes da morte de Sarduy. Não tive coragem de recorrer novamente a Nadeau, e essa foi uma das maiores frustrações de minha vida.

A resposta da Gallimard, assinada por Eric Vigne em 1993, era desdenhosa:

Lautréamont austral est une étude fort spécialisée: relire les Chants à partir de l'hypothèse du bilinguisme de Ducasse étayé par ses annotations dans une traduction d'Homère par le rhétoricien neo-classique Hermosilla est astucieux. Mais, éditorialement, c'est pour une collection d'études littéraires ou, ramassé, un article pour la revue Europe...

Esse parecer prova que o leitor não leu o livro. O bilingüismo de Ducasse não é uma hipótese, mas é comprovado pela própria posse do livro espanhol e pela anotação na mesma língua. A sugestão de compactar o livro em forma de artigo ignora a informação introdutória de que ele é, pelo contrário, o desenvolvimento de um artigo publicado na revista *Poétique*, mais prestigiosa do que *Europe*.

Nos anos seguintes, alguns amigos franceses recomendaram o livro a editores, sem obter êxito⁹. O livro foi recusado por todas elas: L'Harmattan, Actes Sud, José Corti, La Différence e Éditions Caribéennes. O parecerista da editora l'Harmattan também considerou o bilingüismo de Ducasse como uma “hipótese”, e reagiu indignado ao fato de Ducasse ser tratado como “bárbaro” e como “produto do tropicalismo” (!?), o que não consta no livro. A resposta de Actes Sud foi de que o livro era demasiadamente especializado, destinado aos “amadores de análises finas no tecido literário, pouco numerosos para justificar uma edição”. O parecerista da editora Corti reconhecia que o livro “traz indiscutivelmente novos elementos” para a compreensão de Lautréamont, mas o recusou assim mesmo. Notava-se, nas respostas, que os leitores não gostavam da ideia de que Ducasse não fosse cem por cento francês.

Enquanto isso, o livro tinha defensores entre especialistas franceses. Jean-Paul Goujon¹⁰ escreveu-me, em dezembro de 1993:

*Les éditeurs français sont des SOLENNELS
IMBÉCILES et surtout des analphabètes, s'ils n'ont
pas compris l'importance du bilinguisme dans l'œuvre
de Lautréamont. Mais cela, au fond, ne m'étonne pas
malheureusement, car nos éditeurs sont exactement
comme nos chers intellectuels: de grandes coquettes qui
trouvent naturel que le monde entier les admire, alors
qu'ils sont de plus en plus nuls, incapables de comprendre
et d'aimer quoi que ce soit – sauf, évidemment, leur
nombril et leurs petites maffias parisiennes.
Il n'en reste pas moins que leur refus d'éditer votre livre
est tout à fait lamentable: et d'abord parce que vous et
Monegal avez vu juste, là où les autres n'ont rien vu.
Mais comment expliquer à des gens si fermés à la poésie
et à la littérature en général, que si Lautréamont a écrit
un français aussi magnifique, et même inouï, c'est en*

9 Entre eles Pierre Rivas e Daniel Pageaux.

10 Especialista de autores franceses do século XIX, professor na Universidad de Sevilla e autor de vários artigos sobre Lautréamont, em especial “Ducasse et Hermosilla: El Arte de hablar”. In *Cahiers de Lautréamont*, n° XXXI – XXXII, 2º semestre de 1994, ps. 81 a 90.

raison de son bilinguisme même? Mais, pour ces gens-là, hors du français, point de salut. N'est-ce pas une autre forme de racisme?

Outro defensor de nosso livro foi Marcelin Pleynet, um dos melhores críticos de Lautréamont¹¹ e fiel companheiro de Sollers, de *Tel Quel* a *L'Infini*, revista na qual publicou uma nota:

Nous savons aujourd'hui que Isidore Ducasse possédait une édition de L'Iliade en espagnol dans une traduction de Gómez Hermosilla; auteur, par ailleurs, du manuel Arte de hablar, dont le jeune Isidore revendique la propriété sur la page de garde de son Homère. De cette découverte est née une discussion sur le bilinguisme de Ducasse (plus que vraisemblable et effectif) de Lautréamont. Emir Rodríguez Monegal et Leyla Perrone-Moisés ont publié un petit livre passionnant sur le sujet. (L'Infini n° 55. Paris: Gallimard, 1996)

183

Opinião sustentada por ele em cartas que me escreveu. Em 1995, ele me dizia: *“Il est curieux de constater la résistance des éditeurs français dès qu'il s'agit de publier un livre d'importance fondatrice sur l'œuvre de Lautréamont...”* Em outra de 1996, ele concordava, sem o saber, com Jean-Paul Goujon: *“Les lettres des éditeurs sont d'une brutale bêtise – ces gens sont très mal élevés... et à mon avis en conséquence incultes. Il est très regrettable que votre Lautréamont austral ne paraisse pas en France”*.

Seria o caso de perguntar: e por que não na própria coleção “L'Infini” da Gallimard? A verdade é que Pleynet não tinha poder no campo da edição. A palavra final pertencia a Sollers, que definitivamente não queria saber do livro, porque considerava que o “assunto” Lautréamont lhe pertencia, e tudo o que não tivesse surgido sob a sua égide devia ser ocultado. Até que, em 1999, Denis Rolland, historiador e diretor de uma coleção na L'Harmattan, contrariando o parecer anterior da editora, se propôs a publicar o livro¹².

Uma dificuldade suplementar apresentou-se então. François Wahl, testamentário editorial de Severo Sarduy, recusou a autorização para publicar o posfácio do escritor, dizendo-me que o texto era “muito

¹¹ *Lautréamont par lui-même*. Paris: Seuil, Col. Écrivains de Toujours, 1967. Reedição recente: *Lautréamont*. Paris: Gallimard, Col. Tel, 2013.

¹² *Lautréamont, l'identité culturelle. Double culture et bilinguisme chez Isidore Ducasse*. Paris: L'Harmattan, Col. Recherches Amériques latines, 2001.

fraco”. Na verdade, ele censurava o excelente texto de Sarduy porque este citava Sollers, com quem Wahl tinha rompido! Contrariava então o desejo expresso pelo companheiro falecido, em cartas cujas cópias eu lhe havia enviado. A edição francesa saiu, em 2001, amputada do texto de Sarduy. Talvez eu devesse ter brigado mais pela inclusão desse texto, mas eu já estava cansada das brigas mesquinhas de Saint-Germain-des-Prés.

Em 1992, publiquei um capítulo inédito de nosso livro na revista *Cahiers de Lautréamont*¹³, dirigida por Jacques Lefrère, autor de biografias de Isidore Ducasse¹⁴, criador da “Association des Amis Passés, Présents et Futurs d’Isidore Ducasse”. De 1987 a 2010, os *Cahiers de Lautréamont* publicaram um grande número de artigos sobre o poeta, e a associação criada por Lefrère participou, promoveu e publicou numerosos colóquios internacionais¹⁵. Lefrère era médico hematologista. Suas pesquisas literárias eram independentes e, por isso, mal vistas por alguns críticos franceses, como se verá a seguir.

Lautréamont na Bibliothèque de la Pléiade

Aqui se abre um novo capítulo no atribulado percurso de nosso livro. Em 2009, saiu uma nova edição crítica das *Œuvres complètes* de Lautréamont, na Bibliothèque de la Pléiade, da Gallimard, a cargo de Jean-Luc Steinmetz. A edição sofreu vigorosas críticas num longo artigo de Jacques Lefrère (“Lautréamont en Pléiade, le rendez-vous manqué”. In: *L’Express*, Paris, 16/02/2010). Lefrère começa por comentar o grande estardalhaço com que o volume foi lançado, no Grand Amphithéâtre do Museu de Orsay, apresentado não pelo responsável da edição, Jean-Luc Steinmetz, mas por Philippe Sollers, que roubou a cena relegando Steinmetz ao “papel de figurante”. Em seguida, aponta minuciosamente, na edição, vários erros ou apropriações de descobertas de outros pesquisadores, sem lhes dar o devido crédito: “*Son choix a été d’effacer tout ce qui n’allait pas dans le sens de sa démonstration*

13 “Isidore/Isidoro ou le bilinguisme de Ducasse”. In: *Cahiers de Lautréamont*, XXIII-XXIV, Paris, 1992.

14 *Le visage de Lautréamont*, op. cit; *Isidore Ducasse, auteur des Chants de Maldoror par le Comte de Lautréamont*. Paris: Fayard, 1998, 673 páginas. O autor cita nossa pesquisa na p. 75 deste último.

15 Entre os quais “La question des origines. Lautréamont et Laforgue” (Montevideo, 1992) e “L’Autre de la littérature” (Barcelona, 2006), nos quais participei.

et de ne pas indiquer l'origine de la plupart des apports récents des chercheurs". Sobretudo, diz ele, dos "abhorrés" [abominados] colaboradores dos *Cahiers de Lautréamont*¹⁶.

Steinmetz cita meus trabalhos com Monegal na Bibliografia, mas diz, no Prefácio: "*Le milieu bilingue dans lesquels il vécut explique à coup sûr sa connaissance de l'espagnol et du français. Quelques commentateurs ont exagéré l'importance du premier*". Em nota, refere nosso livro. E nas notas sobre o texto dos *Chants de Maldoror*, quando se trata de apontar hispanismos, ele não refere as fontes e diz: "*Certains commentateurs...*" ou o impessoal "*On a pensé, en l'occurrence, à un hispanisme ...*"

185

E o mais interessante é o seguinte. No volume da Pléiade há uma entrevista, não do organizador da edição, mas de... Sollers. Às tantas, o entrevistador lhe pergunta:

Lautréamont meurt à vingt-quatre ans. En trois ans il révolutionne – à l'insu de tous – la littérature française. Comment un tel phénomène a-t-il été possible? On a découvert assez récemment l'ampleur de sa culture espagnole, et l'importance pour son travail à venir de l'Arte de Hablar de José Gómez Hermosilla. Il semble d'ailleurs qu'il a lu l'Iliade en espagnol dans la traduction qu'en a laissé celui-ci.

Resposta de Sollers:

Évidemment Isidore Ducasse débarque de Montevideo et cela compte. Mais le phénomène extraordinaire qu'il représente s'explique en partie par la puissance de l'instruction publique française de l'époque, par l'excellence de l'enseignement dispensé dans les collèges et les lycées impériaux [...]. (Lautréamont. Œuvres complètes. Paris: Gallimard, Col. Bibliothèque de la Pléiade, p. 612)

Com essa patriotada, ele evita falar de nosso livro.

¹⁶ Jacques Lefrère faleceu precocemente em 2016. Foi uma grande perda para os pesquisadores independentes de Lautréamont.

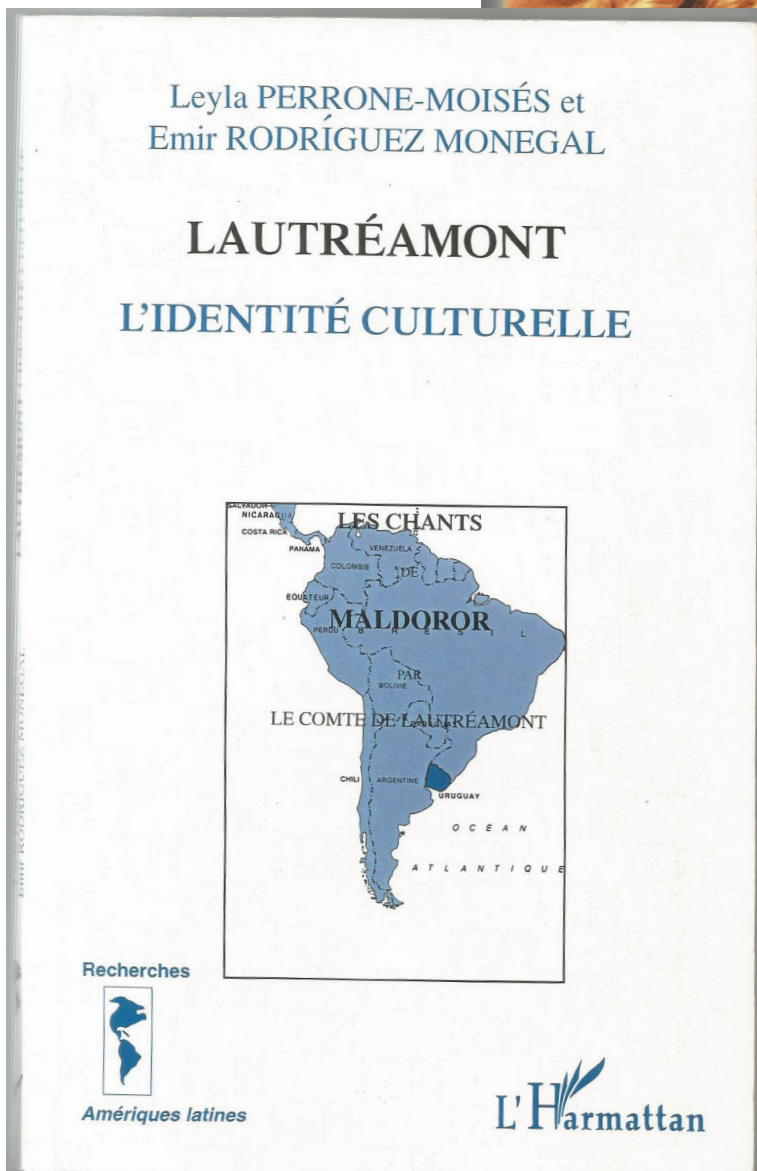
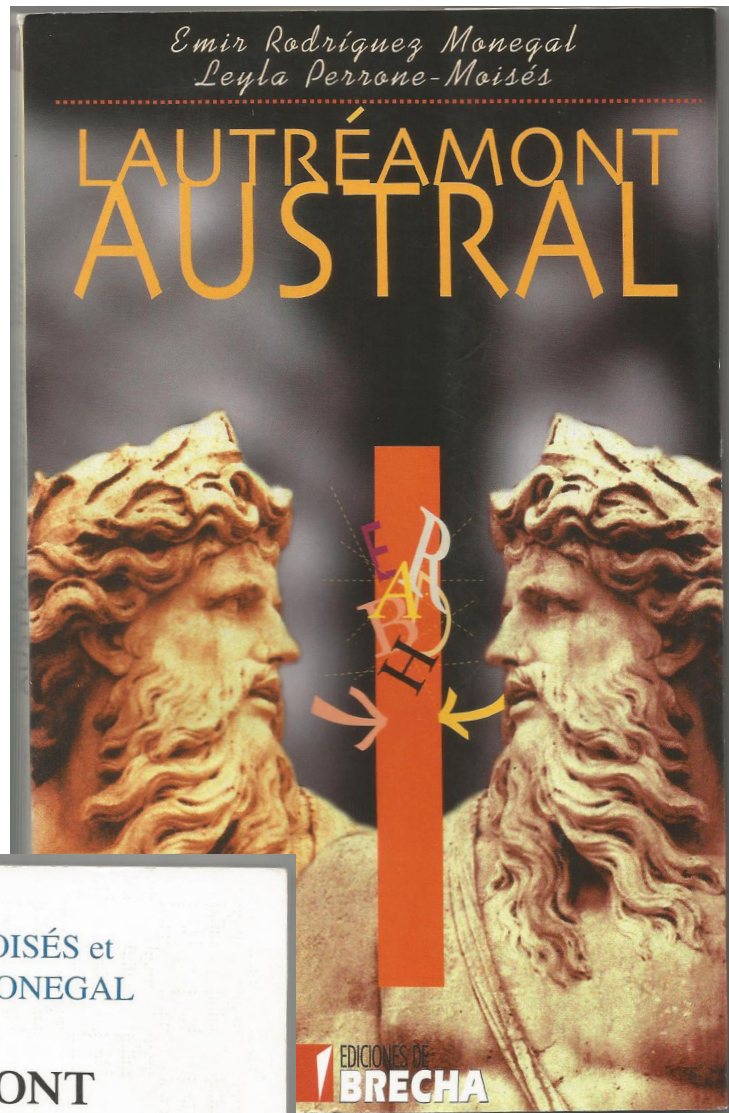
Outras edições

Enquanto isso, longe das polêmicas parisienses, nosso *Lautréamont austral* seguiu seu caminho. Em 2012, a editora Suisei-Sha (Rosa dos Ventos), de Tóquio, comprou os direitos do livro e publicou-o numa bela edição de capa dura¹⁷. Para mim foi uma surpresa, mas nem tanto. Eu já tinha conhecido, em Paris, alguns especialistas japoneses de Lautréamont, pelos quais eu soube que havia várias traduções diferentes dos *Chants de Maldoror* no Japão, até mesmo em formato de bolso com grandes tiragens.

É curiosa essa paixão dos japoneses por Lautréamont. Em 2000, quinze especialistas nipônicos contribuíram para um número intitulado “Lautréamont au Japon ou *Les Chants de Maldoror* et la culture d’après guerre”, da revista *Cahiers de Lautréamont* (n° LIII-LIV). Em 2002 a *Société des chercheurs ducassiens au Japon* organizou, em Tóquio, um colóquio internacional intitulado “Lautréamont: Du Romantisme à la Modernité”.

Finalmente, em 2013 achei tempo para traduzir nosso livro para o português, com o título original (*Lautréamont austral*. São Paulo: Iluminuras, 2014). Minha dívida de amizade para com Emir Rodríguez Monegal e Severo Sarduy estava paga. E nossa contribuição para o conhecimento da obra de Lautréamont continuará sendo lida pelos amantes do poeta, fora de disputas políticas ou patrióticas.

¹⁷ Traduzido por Naruhiko Teramoto, professor da Universidade Tohoku, com doutorado na França sobre Lautréamont.



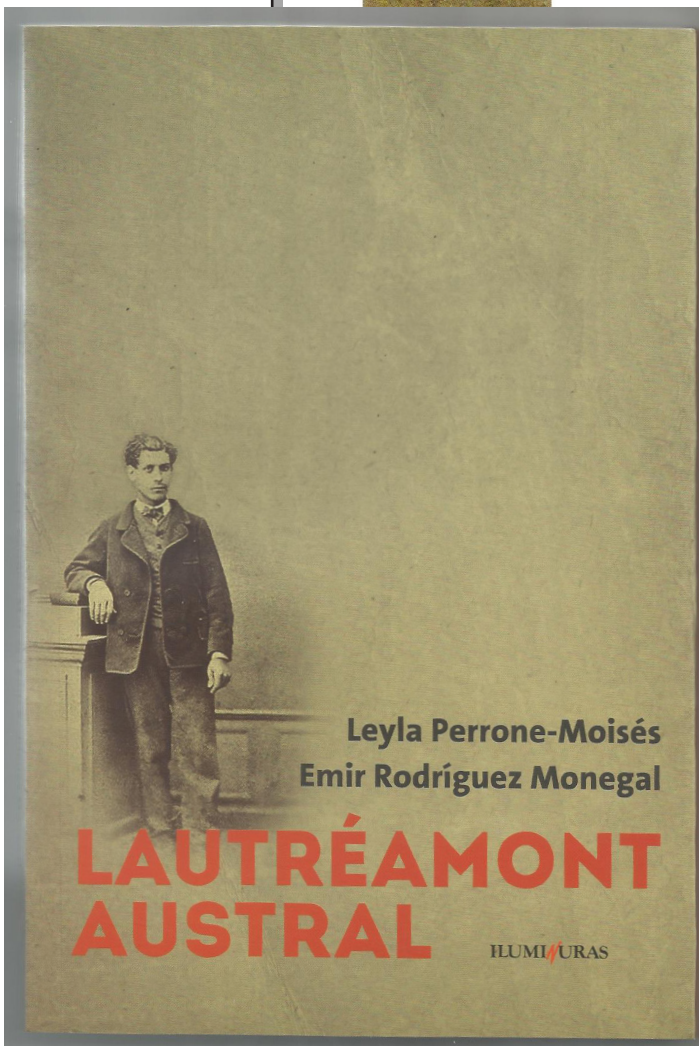


レイラ・ペロネロモイセス
 エミール・ロドリゲス・モネガル
 寺本成彦訳

水声社

ロートレアモンと
 文化的アイデンティティ
 イジドル・デュカスにおける文化的二重性と二言語併用

188



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOUJON, Jean-Paul. Ducasse et Hermosilla: El *Arte de hablar*. In: *Cahiers de Lautréamont*, XXXI – XXXII, Paris: AAPPFID, 1994.

KRISTEVA, Julia. *La révolution du langage poétique*, Paris: Seuil, Col Tel Quel, 1974.

LAUTRÉAMONT. *Œuvres complètes*. Ed. Jean-Luc Steinmetz, Paris: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 2009.

LEFRÈRE, Jacques. *Le visage de Lautréamont*. Paris: Pierre Horay Éditeurs, 1977.

_____. *Isidore Ducasse, auteur des Chants de Maldoror par le Comte de Lautréamont*. Paris: Fayard, 1998.

_____. Lautréamont en Pléiade, le rendez-vous manqué. In: *L'Express*, Paris, 16/02/2010.

MONEGAL, Emir Rodríguez. Presentación. In: *Mundo Nuevo* 1, Paris, 1966, p. 1.

_____. La CIA y los intelectuales. In: *Mundo Nuevo* 13, Paris, 1967, p. 1.

MONEGAL, Emir Rodríguez & PERRONE-MOISÉS, Leyla. Lautréamont et la rhétorique espagnole. In: *Poétique* 55, Paris: Seuil, 1983.

_____. Lautréamont español. In: *Vuelta* 70-80, México, 1983.

_____. Lautréamont y la retórica española. In: *Maldoror* 17-18, Montevideo, 1983.

_____. *Lautréamont austral*, Montevideo: Ediciones Brecha, 1995.

_____. *Lautréamont, l'identité culturelle. Double culture et bilinguisme chez Isidore Ducasse*. Paris: L'Harmattan, Col. Recherches Amériques latines, 2001.

_____. *Lautréamont, l'identité culturelle. Double culture et bilinguisme chez Isidore Ducasse*. Trad. Naruhiko Teramoto. Tokyo: Suisei-Sha, 2012.

_____. *Lautréamont austral*. São Paulo: Iluminuras, 2014.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Falência da crítica. Um caso limite Lautréamont*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

_____. *Les Chants de Maldoror*: Paris: Hachette, Col. Poche Critique, 1975.

_____. Isidore/Isidoro ou le bilinguisme de Ducasse. In: *Cahiers de Lautréamont*, XXIII-XXIV, AAPPFID, Paris, 1992.

PLEYNET, Marcelin. *Lautréamont par lui-même*. Paris: Seuil, Col, Écrivains de Toujours, 1967. Reedición: *Lautréamont*. Paris: Gallimard, Col. Tel, 2013.

WOLFF, Jorge. *Telquelismos latinoamericanos*. Buenos Aires: Editorial Grumo, 2009.

_____. *Telquelismos latino-americanos*, Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2016.